

Médiuns, magnetizadoras e sonâmbulas no Brasil do século XIX

Michelle Veronese*¹

Resumo

Quando o magnetismo aportou no Brasil do século XIX, atraiu imediatamente um grande número de curiosos interessados em assistir às apresentações da chamada *physica recreativa*. E as mulheres não ficaram de fora desse movimento. No palco dos grandes teatros ou sem sessões privadas, muitas passaram a se apresentar como sonâmbulas. Ao lado das magnetizadoras, elas realizavam previsões, adivinhações, além de promover curas físicas e espirituais. A presença dessas figuras femininas, porém, incomodou a sociedade de seu tempo, tanto que jornais e revistas frequentemente as taxavam de loucas e charlatãs. Este trabalho pretende fornecer algumas pistas sobre quem eram essas mulheres e por que sua presença não era bem vista por todos.

Nem chapéus, nem sedas – a moda era o magnetismo

As leitoras do *Jornal das Senhoras* devem ter tido uma surpresa quando abriram a edição do dia 17 de julho de 1853. Naquele dia, o badalado periódico feminino, primeiro do país dirigido por uma mulher, iniciava sua cobertura das “modas, literatura, bellas-artses, theatros e criticas” afirmando que não iria falar dos chapéus de Madame Laccarrier ou das sedas do armazém Wallerstein nem das disputadas rendas de Alençon. A moda das roupas e do toucador, assim como as descrições dos bailes e da vida na corte europeia, excepcionalmente ficariam de lado, pois, segundo o jornal, a novidade era outra e se atendia pelo nome de magnetismo.

O magnetismo, a força electrica aplicada, é pois toda a novidade, é todo o cuidado, é toda a maravilha, é emfim a melhor noticia que trouxe o paquete inglez: é a moda authenticada desta vez, não por M.mes Gagelin, e Alexandrine, e Vignon, as mais notáveis modistas de Paris, mas sim por celebres e acreditáveis doutores, alemães, portugueses, americanos e francezes.

O *Novo Correio das Modas*, outro jornal popular entre o público feminino, no mesmo ano, também mencionava o burburinho criado em torno do magnetismo, enfatizando que o assunto dominava todas as conversas e inspirava acaloradas discussões:

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bolsista do CNPQ.

O magnetismo continua a ser a ordem do dia tanto para as senhoras, como para os homens. Em todo o lugar onde ouvirdes uma discussão acalorada, quer seja nos salões, no campo, nos boudoirs, nos corredores, nas ruas, e até nas escadas, ficai certo que se não tata nem das eleições, nem do macadame, nem dos caminhos de ferro; é o magnetismo, a chave que se volta, o chapéu que gyra, a mesa que fala, o anel que adivinha, que lhe serve de assumpto.

Do que tratava esse tal de magnetismo e por que tanto se falava a respeito dele no Brasil da segunda metade do século XIX? Quem eram seus praticantes e que tipo de clientela atraía? Essas são as primeiras questões que tentarei responder nesse artigo. Para isso, utilizarei como referência alguns periódicos publicados no Brasil, na segunda metade do século XIX, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, os quais deram destaque, em inúmeros artigos e reportagens, a esse fenômeno. O intuito deste texto, entretanto, não é apenas o de trazer à tona um fato curioso da história das ciências e crenças praticadas em nosso país. Com base nos próprios textos dos periódicos, pretendo também apresentar quem eram as personagens femininas ligadas ao magnetismo, as sonâmbulas, e que tipo de oportunidade – transgressão e recusa a papéis femininos pré-estabelecidos? Empoderamento? - esse tipo de trabalho pode ter representado para elas.

Um século antes

Na Europa, no século XVIII, já se falava em magnetismo. Na época, o físico alemão Frans Mesmer havia proposto que o mundo e todos os seres que o habitavam eram permeados por um fluido invisível e universal. Um indivíduo devidamente treinado, defendia o físico, poderia controlar esse fluido e utilizá-lo para promover a cura de diversas doenças. As ideias de Mesmer ganharam o apoio de vários cientistas da época e repercutiram por vários países. Geraram polêmica e controvérsia e também fama para o pesquisador, que acabou por se estabelecer na França, onde passou a promover sessões públicas e privadas de cura por meio do magnetismo.

Da França e a partir de Mesmer, a crença no fluido energético universal e no magnetismo como meio de tratar males físicos espalhou-se pelo mundo. Algumas ideias e práticas propostas por ele foram então adaptadas por seus seguidores. Foi assim que surgiu, para auxiliar o magnetizador, a figura da sonâmbula. Colocada num sono hipnótico e mantida sob o controle do homem, a mulher que atuava como sonâmbula, afirmava-se, era capaz de receitar tratamentos para curar os mais diversos males e ainda viajar pelo tempo, de volta ao passado ou rumo ao futuro, fazendo uma série de previsões.

Os magnetizadores e as sonâmbulas, dizia-se ainda, poderiam estar por trás de fenômenos como fazer objetos levitarem, chapéus rodarem, mesa e corpos flutuarem. Como narrou o *Jornal das Senhoras*, estes eram acontecimentos que, à época, chamavam a atenção das pessoas no mundo inteiro e eram frequentemente noticiados nos periódicos.

Queremos vêr dançar as mesas e os chapéus.

Com efeito os Jornaes da capital estão cheios, columnas inteiras, de explicações, experiências, e resultados felizes das mesas e chapéus que dançam e que têm

dançado na Alemanha, na América do Norte, em França e ultimamente em Portugal.

Populares na Europa e nos Estados Unidos, os magnetizadores e as sonâmbulas rapidamente ganharam fama no resto do mundo. E não demorou para que aqui também surgissem praticantes deste que pode ser considerado um mix de arte mágica e ciência. A pesquisa em periódicos brasileiros da segunda metade do século XIX, revelou alguns nomes que, à época, atuavam neste campo e, dada a quantidade de anúncios e reportagens a respeito deles, gozavam de certa popularidade. Entre eles, estão Jacomo Ulisses, Lucrécia e Adela Mirol, que apresentarei como exemplos.

Quem eram elas e eles?

Para encontrar as sonâmbulas e os magnetizadores que atuaram no Brasil, foi preciso garimpar em jornais da época, tendo em mente, como uma espécie de fio condutor, o que observa Perrot sobre o modo como personagens femininas do século XIX eram referidas:

Os escrivães da história – administradores, policiais, juízes ou padres, contadores da ordem pública – tomam nota de muito pouco do que tem o traço das mulheres (...) Se o fazem, quando observam a presença feminina em uma manifestação ou reunião, recorrem aos estereótipos mais conhecidos: mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca e histéricas, assim que começam a gesticular (1998, p.33).

Uma das primeiras duplas de sonâmbula e magnetizador que se apresentaram por aqui era formada por Lucrecia e Ulysses. Eles se diziam irmãos e, a partir de 1852, puderam ser vistos teatros de cidades como Salvador, Rio de Janeiro e São Luís. Seus espetáculos eram anunciados como experiências de *phísica recreativa* e atraíam grande número de espectadores, interessados em vislumbrar os poderes do magnetismo, considerado uma nova ciência. O *Periódico dos Pobres*, na edição de 7 de agosto de 1852 (p. 2), descreveu, em detalhes, uma das apresentações:

O Sr Jacomo faz sentar sua mana n'uma cadeira, e principia a fazer-lhe diversos acionados com as mãos, bem perto della, e imediatamente ella fica n'um somno profundo; e depois de lhe vendar os olhos com dous lenços, dirigi-se aos camarotes ou platéa, pede alguma cousa, fecha na mão, que a conserva, ou no bolso, ou encoberta com as abas da casaca, e lhe diz – Senhora Magnetisada? – ella prontamente responde – Senhor? – Que objecto possui em minha mão? Ella vai respondendo, e adivinhando tudo, por tudo. (...) chama-se a isto de Magnetismo.

De 1852 até 1869, os jornais trazem registros das apresentações de Lucrécia e Ulysses. Neste período, além de descrever os espetáculos, destacam a beleza da sonâmbula, a competência do magnetizador e admiração do público diante dos fenômenos

demonstrados pela dupla. Dados sobre suas biografias, no entanto, estão ausentes dos periódicos e mais nada ficou registrado sobre eles. Não se sabe, por exemplo, onde nasceram, quais suas idades e como descobriram o magnetismo.

O palco do teatro não era o único espaço onde se podia ver sonâmbulas e magnetizadores em ação. Algumas duplas optaram por promover atendimento privado, destinado àqueles que buscavam curas para males físicos ou psíquicos ou interessados em previsões e adivinhações. Era o caso de Adela Mirol, a qual atuava ao lado do marido. Ela atendia na rua da Acclamação, número 29, no Rio de Janeiro. Na edição de 28 de dezembro de 1876 de *O Globo*, um anúncio na seção de classificados descreve suas práticas:

Aviso ao público

Consultorio de Magnetismo, Espiritismo e Cartomancia pela celebre somnambula e professora de magnetismo e outras ciências occultas.

A Sra. Adela Mirol, em companhia de seu marido, eminente magnetizador, acabam de chegar da Europa, onde obtiveram o mais feliz exito e mais aprimorado resultado de sua eloquencia nesta materia de sciencia maravilhosa, e principalmente nas primeiras capitaes.

A grande nomeada e fama alcançada foram coroadas por inauditos trophéus, e fizeram-n'a presidente da escola de magnetismo de Paris, condecorando-a com diversas medalhas de merito e de primeira classe, sendo tambem socia honoraria da academica de sciencias de Roma.

Encina pelo novo systema (unica que o possui), o mais vantajoso até hoje imagndo; e, para consultas, em sua residencia no Campo da Acclamação n. 29, 1º andar, todos os dias das 9 horas da manhã às 6 da tarde.

O anúncio acima, que vai reaparecer em outras edições do mesmo jornal publicadas naquele ano, não deixa claro se Adela Mirol era uma europeia que se mudou para o Brasil ou uma brasileira que aprendeu sobre ciências ocultas na Europa. Porém algo está evidente naquelas poucas linhas: a personagem transita entre diversas práticas, atuando não só como magnetizadora, mas também se denominando espírita, movimento que estava dando seus primeiros passos naquela época.

Adivinhar coisas, vale destacar, não era a única capacidade das sonâmbulas do Brasil. O *Periódico dos Pobres* de 14 de setembro de 1852, por exemplo, cita uma que tinha a capacidade de viajar para locais distantes, sem sequer se mover. O nome da sonâmbula não é revelado, mas o periódico dá conta de vários poderes exibidos por ela em sessões públicas ou privadas. Num dos relatos, conta-se que ela viu “os números do bilhete da loteria” de um dos presentes, viajou em um navio a vapor para a França e, chegando em l, dançou em um baile da corte. Fez tudo isso sem sair da presença pública, apenas “andando em roda da sala, n’uma perfeita somnolencia”.

A transgressão das sonâmbulas

A sociedade do século XIX não deixou dúvidas a respeito do que esperava das mulheres. As burguesas, por exemplo, deveriam dedicar suas atenções ao lar, ao marido e aos cuidados com os filhos (Falci, 2007). Leitura era privilégio das poucas letradas. E

essas, quando liam, geralmente eram romances que tratavam de reforçar os papéis femininos de mãe e esposa. Os eventos públicos se restringiam aos saraus e aos salões, onde elas eram convidadas a exhibir seus talentos, como cantar, declamar e tocar piano. Aquelas que destoavam dessa cartilha automaticamente eram alvo de críticas. Foi o caso das sonâmbulas, frequentemente chamadas de loucas e charlatonas.

Diversos jornais mencionam casos de mulheres que enlouqueceram após participar de sessões de magnetismo. Uma das reportagens da época menciona uma jovem que atuava como sonâmbula em Minas Gerais. Após abandonar esse ofício, a moça, cujo nome é mantido em segredo, teria continuado sob influência de seu magnetizador, apresentando sintomas que preocupavam familiares e médicos:

Este estado é alternado de minutos de profundo somno, durante o qual ella estabelece um dialogo com um individuo estranho e ausente, que se suppõe ser o seu antigo magnetizador, e deste modo revella que esse ausente possui cabellos seus, os quase sujeita à acção magnetica para tortural-a até que se resolva a vltar para elle.²

Vale lembrar que, naquele período em o país passava pelo processo de urbanização, a classe médica brasileira havia assumido a missão de higienizar as cidades. A meta era limpar as ruas, tratar os esgotos, cuidar das águas e também garantir a higienização da moral e dos costumes. Práticas como a do magnetismo passam a ser combatidas e dizia-se que seus adeptos tinham os hospícios como destino. Em um artigo publicado na primeira página do periódico *A Mãe de Família*, dirigido a mulheres, o médico Carlos Costa, que era o redator principal, fala sobre isso:

Esses espiritistas, quase outros magnetizadores, da mesma maneira tem sabido explorar a credulidade publica e aproveitado, como já disse, a impressionabilidade de cada um, e o resultado tem sido o que poderão attestar os directores do Hospicio de D. Pedro II, e os das casas ddo Dr. Eiras, S. Sebastião, etc.

É com effeito já grande o numero dos individuos, de ambos os sexos, que tem sido asylados, profundamente abalados em sua razão, e alguns mesmo em estado deploravel de alienação mental, do qual nunca mais tem sahido!!³

Quando as escolas de medicina se estabelecem no país e o saber médico vai ganhando respaldo, aqueles que utilizavam práticas alternativas de cura, como as parterias, os barbeiros e os sangradores, passam a ser alvo de críticas e repressões (Magalhães, 2011). São chamados de charlatões ou exploradores da boa fé alheia, adjetivos que também serão dirigidos às médiuns. “Mutiplicação-se esses albergues do furto, da exploração da ignorância, do vicio e da depravação de costumes”, dizia o *Carbonario* de 18 de setembro de 1889, referindo-se especialmente às “médiuns videntes para descobertas”, cartomantes e sonâmbulas. A visão dominante era a de combater todos aqueles que não seguiam os manuais médicos ou que representavam algum tipo de concorrência. Assim, chamar uma mulher de charlatona, era deixar claro que ela não

² *A Actualidade*, p 4-5

³ *A Mãe de Família – Jornal scientifico-litterario*, 31 de dezembro de 1886, p. 1-2

estava apta a atuar em determinado campo de conhecimento – ideia que, no passado, Rousseau já havia esboçado:

Todas essas mulheres de grandes talentos só impressionam os imbecis. Sabemos sempre qual é o artista ou o amigo que segura a pena ou o pincel quando elas trabalham... Todas essas charlatonas são indignas das mulheres honestas.

Outro detalhe que parece ter incomodado foi o fato de muitas dessas mulheres terem encontrado, como sonâmbulas, uma atividade remunerada. “Não é este *officio* um *objecto* de luxo e ostentação?! Não é summamente rentoso?”⁴, bradava o *Carbonario*. A *Semana Illustrada* também cita a possibilidade de lucro envolvendo esse tipo de atividade quando comenta sobre um fazendeiro que anunciou sua intenção de contratar uma sonâmbula a quem pagaria um ordenado mensal. “Um conto... De reis... Por mez! Ainda agora ando a cogitar o motivo por que o dito fazendeiro quer a dita somnambula pelo dito conto de reis (...) Se eu fosse mulher não perdia esta ocasião de ter um peculiosinho menos máo”, diz o jornal.

Embora não se saiba quanto essas mulheres recebiam por seus serviços, o fato é que ter uma atividade minimamente remunerada poderia significar independência para elas, que não dispunham de muitas alternativas como fonte de renda.⁵

Mesmo diante de tantas e constantes críticas, as sonâmbulas e os magnetizadores continuaram a exercer seu trabalho. Mais adiante, na virada do século, quando o magnetismo sai de cena e espiritismo começa a se estabelecer, mais mulheres aderem ao movimento e, pouco a pouco, vão deixando o anonimato. E aí que surgem às médiuns escritoras, que vão lançar romances, peças e poemas mediúnicos, e às médiuns filantrópicas, que irão trabalhar em obras sociais organizadas por grupos espíritas. Mas essa e outra historia.

Cabe enfatizar que elas tiveram, na atividade que exerceram, muito mais do que uma chance de quebrar com papéis femininos pré-estabelecidos. Acima de tudo, elas encontraram ali uma oportunidade de poder. Numa época em que a sociedade relegava a elas a posição de dominadas, subir em um palco para se apresentar, sim, uma mudança, mesmo que circunstancial, nos eixos de poder. Para entender como isso ocorre, basta lembrar que, diante delas, parentes de pessoas mortas encontravam consolo, doentes buscavam cura, curiosos vislumbravam o futuro e espíritos de heróis, reis e rainhas – ou talvez elas mesmas -- podiam finalmente dizer o que desejavam. Não por acaso, muitas delas saíram dos rodapés da história para serem marginalizadas nas páginas de jornais.

⁴ *Carbonario*, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1890, p. 3

⁵ Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva (1995), as atividades exercidas por mulheres de origem européia incluíam desde “a gestão do patrimônio, à agricultura de subsistência, ao trato mercantil, ao artesanato, à ‘arte de partejar’.”

Bibliografia

- ARRAIA, Eduardo. *Espiritismo*. São Paulo: Ática, 1996.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. PRANDI, Reginaldo et alii. *Católicos, espíritas e protestantes*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do sertão nordestino*. In: PRIORE, Mary del. BASSANEZI, Carla et alii. *História das mulheres no Brasil*. Araraquara: Unesp, 2007
- GIUMBELLI, Emerson. *Heresia, doença, crime ou religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais*. Rev de Antrop, São Paulo, Usp, 1997, v. 40, n 2.
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. São Paulo: Ide, 1974.
_____. *O livro dos médiuns*. São Paulo: Lake, 1981.
- KRAMER, Heirick. SPRENGER, JACOBUS. *O Martelo das Feiticeiras – Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1991.
- LEHMAN, Amy. *Victorian Women and the Theatre of Trance: Mediums, Spiritualists and Mesmerists in Performance*. North Caroline: McFarlan Books, 2009.
- MAGALHÃES, Sônia Maria de. *Batalha contra o charlatanismo: institucionalização da medicina científica na província de Goiás*. Hist. cienc. saúde – Manguinhos, vol.18, n.4, Rio de Janeiro, out./dez. 2011.
- NUNES, Sílvia Alexim. *Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República*. Hist. cienc. saúde – Manguinhos, vol.17 supl. 2, Rio de Janeiro, dez. 2010.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
_____. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.
- PIMENTA, Tânia Salgado. *Entre sangradores e doutores: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX*. Cedec, Campinas, v. 23, n. 59, p. 91-102, abril 2003.
- PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Mulheres brancas no fim do período colonial*. Cadernos pagu (4), 1995: pp. 75-96.
- TELLES, Norma. *Escritoras, Escritos, Escrituras*. In: PRIORE, Mary del. BASSANEZI, Carla et alii. *História das mulheres no Brasil*. Araraquara: Unesp, 2007.

